



O PREGÃO de S. NICOLAU

Recitado aos 5 de Dezembro de
1992, nas ruas e praças da cidade de
Guimarães pelo jovem nicolino

ANDRÉ GUIMARÃES COELHO LIMA

e pelo autor dedicado à

RESISTÊNCIA E MÁRTIRES DE TIMOR

*Glória vem a mim, acode à Musa
Dá-me a força do verso mais estrondoso
Porque a rimar meu estro se recusa
Sem teu auxílio certo e poderoso!
Vem tu em meu socorro, Musa amada
Ilumina de amor meu coração
Que não consente o Santo rima errada
Nem a desejo eu no seu pregão...*

*Amada Guimarães! Cumprindo tradição
A tua juventude, a Nicolina malta
Aqui vem arrolar em forma de pregão
Aquilo que te sobra, aquilo que te falta.
O mundo saberá da voz do pregoeiro
Aquilo que vai bem, aquilo que vai mal
Por esse mundo fora, por esse mundo inteiro
Desde Timor tão perto ao nosso Portugal!*

*Sabeis que horas são? Sabeis que dia é hoje?
São horas de pensar e de meditação!
Vamos aproveitar o tempo que nos fuge
Amar com novo amor, amar com mais paixão!
Venham à nossa Festa numes do Passado
Montados na Saudade à nossa Fantasia:
Sejam todos aqui, bem perto, a nosso lado
Para viver da Festa a perene Alegria!*

*(Minha sor'Aninbas pede depressa ao Mésa
Que compre aí por mim folbas à Glorinha
E me mande um pregão da mais rara beleza
Que a Festa de pregões ficou mais pobrezinha...
Se o Torres vozeirar a cbamar o Fernandes
Para fazer de novo a tal experiência
Daqui te peço eu que ao Torres não o mandes
Pois muito aqui sofreu por amor a Ciência...*

*(Ao Lopes pedirás que toque a campainha
Para matar de pronto esta Saudade minha!)*

*E vós perdoareis o recordar dorido
De quem antes de nós a Festa fez primeiro:
Eu quero a tropa toda aí posta em sentido
Enquanto afino o verso e esgalbo o marmeleiro!
Não façam por aí de mofas o trejeito
Nem julguem que a brincar o Santo se distrai
Pois a sua oração tem mais que um sujeito
E se varada vem, logo porrada vai...*

★ ★ ★ ★ ★

*Ponde te verei meu Portugal amado
Com tanto herói por' i de língua destravada
A dar ao improvisado, adrede preparado
Na frase mais sonante a douta calinada?
Não ficais pasmados e nem ao menos tontos
Ao ouvirdes por' i em público afirmado:
"Teria de reforma uns setecentos contos
Se em vez de Presidente eu fosse reformado..."*

*E são os presidentes e são os deputados
E são os coronéis e outros funcionários
A respirar saúde, à força convidados
A aceitar sem mais uns lautos honorários!
Lutam pela reforma os velhos já cansados
E ela quando vem, tão escassa e minguada
Após trabalhos tais, tão duros e suados
Não dá para o tabaco, não chega para nada...*

*E sabeis todos vós, a nossa História o diz
Que temos pela terra um ancestral amor:
Na antiga monarquia tivemos D. Dinis...
Há sempre no poder um jovem lavrador!
Agora temos nós os lavradores de fraque
A barba escanboada, unhas envernizadas
A receber na Banca as guitas lá da PAC
E a vender ao povo as peras importadas...*

*Agora fia fino, agora até é "chic"
Falar em referendo e discutir a Europa
Dar uma espreitadela à "coisa" de Maastricht
A ver se tiram dela uns nabos para a sopa!
A Dinamarca, a França, fizeram referendo
A coisa esteve preta, um tanto mal parada...
Se o Dellors falbar e guita não havendo
Lá vai para o maneta a nossa caldeirada!*

*Bem faz nosso Soares tocando o pifarinho
No povo a refrescar o fim do seu mandato
Em Presidência aberta, aqui no Alto do Minho...
Aí meu ganda Soares! És fino como um rato!
O Minho sempre foi a terra de ninguém
Um povo de outro mundo, um povo ignorado
E tu vens cá dizer como lbe queres bem
Vens dar-lhe cá beijinhos, fazê-lo enamorado...*

Tu, Maria José, heroína da pala
Merecias de Afonso arnês e armadura!
Deixaste resvalar o Santana na vala
...Abanaste o governo e a nomenclatura!
Mostraste-nos mulber, na tua irreverência
Na tua decisão, no teu gesto sereno
Que só ao homem teu fazes a continência
E que do futebol... conbeces o terreno!

Deixaste a quem o quis o Centro Cultural
— A capital do mundo fechada para obras —
E mostraste que há ainda em Portugal
Alguém que não receia nem lagartos nem cobras...
Foi lindo esse teu gesto, o arrumar da mala
Esse dizer que não, esse bater da porta:
Mas afinal, vê bem, endireitou-se a pala!
Em três dias ficou direita aquela torta...

Por isso, ó Zézinha, aqui te felicito
Aqui te deixo eu para a posteridade:
Foi o homem que deu o dito por não dito
Ficando para ti Honra e Dignidade!
Ao mundo tu mostraste ao fim não ser de caca
A decisão correcta, capaz e assumida
E quer venha a cair ou não cair a placa
Deste a tua missão por finda e bem cumprida!

★ ★ ★ ★ ★

Subida no tabaco e nos medicamentos
Subida nos transportes, na água e nos seguros
E para mais subir, tormento dos tormentos
Impostos nas despesas, impostos nos ápuros...
Nem velhos nem rapazes, nem mulheres nem meninas
Escapam nesta vida a este sobe-tudo:
Aumentam os cadernos, os livros, as propinas
Trocam-nos o Saber e dão-nos um canudo!

Este subir de preços é coisa corriqueira
É coisa natural sempre justificada
Pois sempre que te fazem buracos na carteira
É harmonização de preços e mais nada!
Mais alto! Mais acima! O destino é subir:
Um homem de verdade só desce à sepultura
Depois de preparar a Empresa p'ra falir
E depois de passar cheques sem cobertura!

Mas um dia será o bom e o bonito...
O povo acordará, esfregará a vista
Fará ao tal ministro um solene manguito
Rasgando em eleições a malfadada lista!
E verão finalmente que tudo vai descer
O justo pão chegando à mais distante mesa
Quando o tal orçamento aprendam a fazer
Limitando à receita a soma da despesa...

(Sempre os mesmos senhores do costume
A fazer concorrência a meus Pregões!
Chegai-lhes fogo já, chegai-lhes lume
Não vos deixeis cair em tentações...)

Pois andam por aí na discursata
A misturar a Pátria e o partido...
A alterar até com muita lata
Do luso português o bom sentido...
Mas cansado de ouvir os seus dislates
Já não suporta o povo os seus sermões:
Vão todos para a Praia dos Tomates
Sem sapatos, cuecas nem calções!

★ ★ ★ ★ ★

Foi um sonbo de Paz quando caíu o muro
E Gorby retirou o ferro da cortina:
Experimenta a Rússia um acordar bem duro
E as novas nações maldizem sua sina!
A guerra espreita aí, medonha a cada canto
Da Paz avariado o frágil mecanismo:
A Morte a rir esconde agora no seu manto
Os despojos da luta em vil paroxismo!

Que pobre mundo este aonde as armas sobram!
As mulberes e crianças à morte condenadas
Receiam ouvir sinos, porque seus sinos dobram
Os sonbos que ruíram, esperanças destroçadas...
Que pobre mundo este aonde minga o pão,
Há homens a fugir e há refugiados
A viver por aí sem Pátria nem nação
A pagar sem dever o mal de seus pecados!

★ ★ ★ ★ ★

Vedes todos vós, às horas do jantar
Imagens rituais pela televisão
Que só a essa hora insiste em vos mostrar
Da Fome exemplar a mor escravidão!
Vede negrinbo aí, agora pele e osso
Da mãe a procurar o peito ressequido...
Pensai na vossa Mãe, pensei em filbo vosso
E abandonai de vez as guerras sem sentido!

Depois, a disfarçar, notícia se mistura:
Guarda costas namora uma real princesa
E outra logo aí um novo amor procura
Sem curar de guardar a sua realeza...
O Caldeira ao fugir uns títulos embolsa
E o outro em beleza renova passaporte:
Há bronca no amor e há bronca na Bolsa
Logo temos aí noticiário forte!

Depois telenovela em dose reforçada
Discurso e entrevista em pose já sabida:
De Cavaco e Jardim a última cartada
De Soares mostrada a última sortida
Concursos a granel onde não ganbas nada
E de Lisboa sempre a imagem repetida:
Do Herman José a histérica piada!...
Preenche num bocejo a noite mais comprida

Mas vamos ver agora a mal chegada SIC
Que cá por Guimarães se topa ainda mal:
Isto de três canais é coisa muito chic
É grande novidade em nosso Portugal!
Daqui pedimos nós ao primo Balsemão
Que faça a vida negra à velhá divindade
Que nunca ligou puto ao Berço da Nação!
E se ela acordar...p'ra nós acorda tarde...

★ ★ ★ ★ ★

Aqui pela Cidade há cada vez mais lama
Mais lixo, mais poeira e muita confusão:
A urbe está doente e o cidadão reclama
Exige para si maior consideração!
Giestas por aí em supostos jardins
E estranbas culturas da erva mais daninha
Nunca serão decerto os gloriosos fins
Traçados com rigor por Dona Ermelindinha...

E baja por aí um santo que nos valba
E mande p'ró inferno aquela tabuleta
Que não deixa subir ao longo da Muralba
O trânsito coxinbo, o trânsito pernetá!
É tempo de acabar com esta gozação
De espalhar por'í carros à vassourada:
Se não podem fazer a circunvalação...
Não teiem em fazer tamanba burricada!

Que ao lixo vá parar a Agenda Cultural
No mais caro papel impressa e publicada
Em letra miudinba e em "designé" tal
Fazendo da Cultura a marcação cerrada:
Os filmes do Jordão, sermões em S. Francisco
O eslavo ballet nos Paços de Bragança
Grandes exposições, pintura como cisco
E para terminar concertos de Harpa e Dança!
Dinheiro tão mal gasto não deve ser assim

Sem reforço anormal das verbas de Teixeira
Um crónico queixoso da falta de pilim
Para fazer Cultura, eterna cboradeira...
Ou viram por aí de Guimarães a Banda
O grupo teatral, o livro, o orfeão?
Pois guarde sua agenda o edil que nos manda
Cultura estrangeirada e só de importação...

Aqui tendes da Festa a alta cultural
Embora a ignore o nosso Teixeirinha
Que vai ao gabinete a ler o seu jornal
Tomar o seu café, comer a torradinha:
Não consta este Pregão daquela agenda tal
Nem cheira nossa Festa a óleo de sardinha
Mas é de Guimarães, berço de Portugal
A festa mais querida, a festa mais certinha!

Olhai a buraqueira! É obra nunca vista!
Aí num tempo só, buracos mais de cem
E não há avenida ou rua que resista
Ao progresso por vir e à lama que vem...
Tem esta buraqueira função socialista
Ficais já a saber, palavra de estudante:
Serão p'rá dividir! A coisa está bem vista
E dá buraco certo a um por habitante...

Progresso à fartazana em trocas e permutas!
Concursos às claras, propostas bem porreiras
Depois de uns empurrões e umas quantas lutas
Um milhão e Central em troca das Lameiras!
E vamos ter ali um belo terminal
E de destinos mil o ponto de partida!
Só nos resta saber se o novo Hospital
Terá fumo e ruído em dose garantida...

No nó do Castanheiro há mortes à porfia
Estampanços a granel naquela ratoeira
Obra monumental da nossa Engenharia
Que ali a dedicou à Morte Traioeira!
Ainda um dia destes um "morto" nos dizia:
"Vim eu a Guimarães, morrer nesta cagada!
O gajo que pariu a vossa Rodovia
Não sabia sequer o Código da Estrada..."

Morreu o pobre do Chula! O pobre vagabundo
Abraçou nesta vida a sua garrafinha
Despediu-se da vida e foi-se deste mundo
De forma inusitada e por fatal daninha:
Ele que sempre amou o vinbo capitoso
Morreu no esgoto que corre a céu aberto
E no discurso vão de muito palavroso
Mil vezes se tapou, mil vezes foi coberto!

(Morreu mal afogado o Chula pobrezinbo...
Que Deus lbe dê no céu um copo de bom vinbo!)

Cá o nosso Torinha à trave muito chuta!
Nada pode fazer contra galo, o azar
De ser o bandeirinha mui atento à disputa
E por tudo e por nada o árbitro apitar!
Mas não deixa de ser um grupo de arrebita
Onde há astros a mais, p'ra dar e p'ra vender
Depois da escolha certa e sempre de Pimenta
Que da bola supera o máximo Saber!

Importa é defender da casa o património
E construir depressa o parque Desportivo.
E nisso é Pimenta um perfeito demónio
Atento na jogada e no seu campo activo:
A dar sempre na bola uns toques mais ou menos
Faz nos contratos seus jogadas perfurantes
E alarga do Estádio os estreitos terrenos
Pois são adjacentes até os circundantes...

Meninas cá da terra, ó meninas de truz
Nunca vos esqueceria eu neste Pregão:
Pois sois de meus sentidos a permanente cruz
Sempre acesos em mim os fogos da paixão!
Sois como as vossas mães, bonitas por instinto
Mas a pensar que a vida é telenovela...
Por isso, e apesar de quanto amor eu sinto
Prefiro amar a todas, nem esta nem aquela!

Porém se amanhã a lança alçar a prenda
E cá o Necas vir teus olhos em sorriso
A mandar para mim mensagem que se entenda
Serei capaz de ir contigo ao paraíso...
Sou capaz de cantar ainda a tal cantiga
Que à minha avózinha o meu avô cantou:
Ainda sei amar, assim à moda antiga
Com manhas de Cúpido que ninguém usou!

Obimbos da baqueta, meus meninos
Prestai às peles os certos cuidados
Dos antigos e velhos nicolinos
Que andam por aí mal disfarçados:
Eu vou já terminar este Pregão
E quero num solene zabumbar
Mostrar a Guimarães que a Tradição
Sendo tão sua vai continuar!

Kais pala, kais Karaças!

Afinai as cordas, as peles retezar
Da caixa e do zabumba e todos por igual
Érguei a maçaneta agora bem no ar
E deixai-a cair, bater com força tal
Que no pasmo do som o bruto mundo fique
Num imenso e feroz, tremendo chavaçal:
Vai ouvir-se na Holanda e até em Maastricht
Nosso viva maior — um viva a Portugal!

E ao berço seu, esta cidade querida
Da nicolina hoste vai a saudação:
"Oh! Guimarães! O teu progresso e tua vida
É toda a nossa, é toda nossa aspiração!"

A. Meireles Graça, fecit

Dezembro, 92
GUIMARÃES

PATROCÍNIO



OITO SÉCULOS - LIVRARIA - PAPELARIA
RUA DA RAÍNHA
GUIMARÃES

Execução Gráfica: IDEAL - Artes Gráficas — Guimarães — 12/92